



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 166/2011
Contatos: secretaria@isb.org.br

O VELHO E O NOVO

Meu tempo de vida e a intensidade das transformações que vi convocam minha atenção continuamente para este tema, observando com interesse as múltiplas e frequentes manifestações do velho e do novo que aparecem no dia-a-dia da nossa era. E obviamente nosso julgamento oscila entre a rejeição a aprovação, na preferência entre um ou outro dos aspectos inspirada pelo sentimento muito mais que pela razão.

Por exemplo, vou assistir a um filme argentino interessante e bem feito, chamado “O homem ao lado”, e vejo claramente o novo homem argentino, internacional, tecnológico, sofisticado, pós-moderno, com sua família do mesmo modelo, e o velho argentino, que é exclusivamente argentino, bem argentino, típico como um tango no seu modo de ser, que nós, brasileiros, conhecemos bem. Fico com o velho, pela minha afeição antiga e enraizada, do mesmo modo como outros, que “não gostam de argentinos”, ficam com o novo, do mundo mais “civilizado”.

Poderia dar outro exemplo de opção pelo velho na minha adesão aos vinicultores conservadores de qualquer parte, da França, da Argentina ou de Portugal, que resistem aos assédios dos capitalistas do setor, com suas tecnologias avançadas, seus equipamentos, suas rolas modernas e suas assessorias econômico-mercado-lógicas. Vi isso também em filme e fiquei com o velho.

Quando se trata de observar o comportamento das sociedades, seu modo de ser, o que têm de novo e de velho, o que as distingue das demais neste diálogo entre as suas partes mais avançadas e mais atrasadas, meu coração costuma pender fortemente para o lado do novo. Esse é, aliás, um julgamento, uma apreciação especialmente interessante para um político antigo de um país também muito dinâmico, como o Brasil.

Escolho dois casos para exemplificar: o de Cuba e o da Espanha. Toda a paisagem física das cidades de Cuba, toda a atividade produtiva da sua economia, tudo é de uma velhice chocante, uma velhice feia como a dos organismos decadentes, que atesta, indubitavelmente, o fracasso do sistema político-econômico imposto pela revolução dos anos cinqüenta; sistema político, aliás, dirigido por um grupo de líderes altamente envelhecidos, que faz lembrar a gerontocracia soviética que levou ao desmoronamento.

Entretanto o povo cubano parece suportar com incrível estoicismo o peso enorme daquela decadência tão duradoura e vazia de expectativas. Há mais de 50 anos o regime se afunda economicamente mas se sustenta politicamente contra todas as gigantescas pressões e tentativas de derrubada feitas pela enorme nação vizinha, inimiga declarada que é a maior potência militar e econômica de todos os tempos do mundo. Como isso é possível? Por que razão isso acontece? A opressão existe mas não parece aterrorizadora, desencorajadora de rebeldia pela cruza da violência. Não. Certamente há outra razão, algo de especialmente novo, tão importante que contrabalança a decrepitude geral. Não sei precisar o que seja, não tenho a vivência necessária daquela realidade. Visitei a Ilha há mais de 20 anos, e já, então, observei a velhice chocante. A comunicação com o povo na rua não é difícil, a proximidade da língua facilita. Queixas havia, a pobreza era realmente franciscana, e franciscana no sentido moral ou espiritual, isto é, pobreza com alguma dignidade, sem miséria e igual para todos. Não se viam mendigos, não se morria de fome mas faltava papel higiênico, sabonete, absorvente feminino. E queixas há obviamente ainda hoje, relatam os amigos que vão até lá. Queixas certamente mais numerosas e pesadas. Entretanto a rebelião não explode, mais de 20 anos se passaram! Que força sustenta tudo isso?

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 166/2011
Contatos: secretaria@isb.org.br

Repito que não sei, não tenho convicções mas tenho intuições. Parece um povo que permaneceu imune aos apelos irresistíveis do consumismo e não tem ambições materiais. É possível? Quem sabe? Não há mendigos, eu disse, mas também não há ladrões, você anda sozinho a qualquer hora da noite em Havana sem nenhuma ameaça à sua segurança. Os índices das áreas de educação e de saúde estão entre os melhores do mundo: o que significa isso, no meio da pobreza franciscana? Há um idealismo e um solidarismo humano nos cubanos que espanta e entenece qualquer um: médicos e professores cubanos, de boa qualificação profissional, trabalham aos milhares voluntariamente, com remunerações mínimas, nas regiões mais pobres e interioranas de países como o Haiti, a Bolívia, o Equador e a Venezuela e, acreditem, o Brasil! O que é isso? Não sei, mas é algo realmente novo que tem de ser considerado; uma novidade fortíssima em meio àquela velhice inominável. Será o novo homem, o homo socialista, que a União Soviética não conseguiu produzir? Quem sabe? Os países nórdicos, também dados aos socialismo, também atingiram pontos muito altos de solidarismo humano. Será?

A outra novidade que me chega extremamente promissora é a rebelião da juventude espanhola. Tem semelhanças, sim, com as revoltas do mundo árabe, mas puxa mais pela nossa atenção em razão da proximidade cultural, do seu ocidentalismo inequívoco. E a característica política da sociedade ocidental das últimas décadas tem sido o profundo desinteresse público da juventude, completamente voltada para seus interesses individuais, para a competição no mercado e o brinquedo tecnológico. Pois a Espanha explode de manifestação política jovem! O que significa essa novidade estupenda? Outra vez, tenho somente intuições: É a virada da democracia pro lado da participação popular, que começou na América do Sul, rebentou no islamismo e agora chega à Europa.

Outra vez: será?

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br